



EFEITOS ECOLÓXICOS DOS ENCOROS O CASO DE CALDAS.

Jesús Pereiras López

Alem dos impactos derivados da própria construción (apertura de pistas, traballos de maquinaria pesada, explosións,...), que sem dúbida teñem a súa incidencia nos ecosistemas circundantes, aparecen unha serie de impactos, que tentaremos resumir:

O mais inmediato é a destrución directa, que o alagamento produce. Nesta barragem de Caldas van ficar baixo as águas dezenas de hectares de terrenos, entre os que encontramos veigas de invidiábel fertilidade (vinhedos, pastadoiros...), matos e arvoredas, sendo sobretudo lamentábel a desaparición de varias carvalheiras e dos bosques de ribeira (arvoredas de freixos, ameiros, salgueiros,...), que som refúgio dumha enorme diversidade biolóxica, o que supom unha perda incalculábel da riqueza ecolóxica da zona.

Asociado a isto temos que considerar a deturpación paisaxística que o encoro supom, sendo de destacar que som precisamente estas áreas da franja atlántica da Galiza, onde na actualidade menos abunda o bosque autóctone, tendo portanto un valor acrescentado com relación a outras zonas, quer para o lazer das gentes quer para o enriquecemento paisaxístico desta comarca, que conta com enormes posibilidades turísticas (roteiro dos moínhos, fer-

vença de Segade, balneários, petroglifos, etc...).

Outro dos impactos é o cambio do clima local: un incremento clarísimo das néboas e da humidade ambiental, o que supom unha baixada da insolação. Isto tem como consecuencia o aumento das doenças criptogámicas

minación atmosférica, como as chuvás ácidas, que se fixa nas gotas da néboa.

Todo río é un sistema aberto de águas correntes que ao ser embalsado transforma-se num meio fechado de águas estancas, entom os nutrientes concentran-se por riba da barragem ocasionando o fenómeno conhecido por eutrofización que produce em última instância a perda do oxigénio e como consecuencia a desaparición da fauna aquática mais sensível. Aliás os contaminates tamém se concentram, já que nos encoros deixan de funcionar os sistemas de autodepuración que existem nos rios. As barragens funcionan portanto como acumuladores de águas de péssima qualidade, que expulsam cara abaixo, exportando o problema a outros tramos do río. (Tenhem-se dado casos de morte massiva e inmediata de peixes ao abrirem-se as comportas do encoro, como se tem denunciado repetidas veces por exemplo no de Porto de Mouros).

Todo isto ocasiona unha diminución da diversidade faunística do río, ademais dum cambio das espécies. Assi peixes exigentes de águas puras som substituídos por outros mais resistentes pero de peor qualidade piscícola (desaparecem as troitas, por exemplo, e proliferam os escalos e as bogas). Este fenómeno vê-se agravado

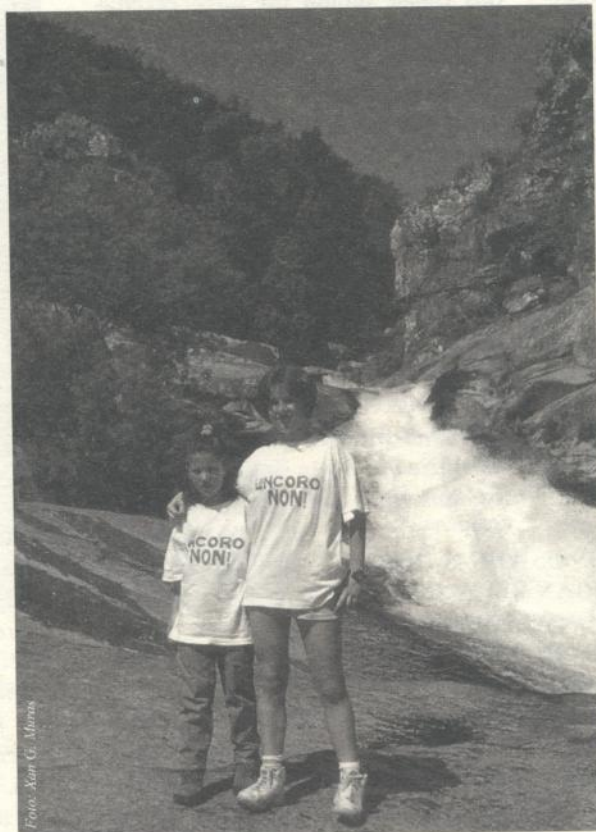


Foto: Xosé C. Albrós

(pestes) nas plantas com o conseguinte aumento no gasto de pesticidas, assi como unha maior incidencia da conta-

pola presenza da barragem que ilha as populaçõs dum e doutro lado da parede, diminuindo a diversidade genética e levando a degeneraçom das espécies. Aliás isto supom umha barreira infranqueável para as espécies migratórias: os encoros galegos figerom desaparecer dos nossos rios o salmom, a anguia, o sábal, a lamprea, noutro tempo abundantes em todos eles.

Os rios galegos tenhem, em geral, pequenas variaçõs de caudal de tipo estacional. As espécies que vivem na ribeira, tanto animais como plantas, estam adaptadas a estas flutuaçõs. Pois bem, numha barragem destinada a um uso hidroeléctrico estas variaçõs som enormes o que impossibilita a adaptaçom destas espécies, e águas abaixo da barreira os cámbios de nivel som totalmente imprevisíveis já que estám ligados às necessidades da produçom eléctrica da empresa.

Um último problema é a incidência que nos ecossistemas costeiros poida ter a chegada dessa água de má qualidade, assi como os cámbios repentinos na salinidade produzidos ao alterar-se imprevisivelmente o caudal, assi como o cámbio nas características dos sedimentos aportados polo rio. Conhecendo a importância que os esteiros tenhem na manutençom da riqueza/marisqueira da ria, esta incidência sobre a produtividade dos bancos de Ogrobe, Cambados, etc...nom deveria ser infraestimada.

A BARRAGEM DE CALDAS NOM É NECESSARIA

A primeira justificaçom que se deu fazia referência à regulaçom das enchentes, mas no próprio projecto do encoro di que será totalmente ineficaz neste sentido, já que nas crescidas estám implicados outros rios. Tamém nas Directrizes do Plano Hidrológico Galiza-Costa aparecem umhas medidas prévias que haverá que adoptar (acondicionamento de margens, dragado do leito, eliminaçom de obstáculos, etc...) e que nom se tenhem realizado. Posteriormente pretendeu-se justificar para o abastecimento da comarca do Salnés, mas resulta que os alcaldes da mancomunidade tenhem manifestado publicamente que este problema já está na actualidade solucionado. Aliás, nas referidas Directrizes aparece um balanço hídrico para justificar a presença da barragem, que sobrevalora as necessidades de água. Assi, estima que as demandas industrial e urbana vam-se duplicar de aqui ao 2012, o que é claramente excessivo; tamém é extranha a alta demanda agrária que figura, quando a maior parte das regas dependen de extraçõs de poços, resultando lamentável que nom se tenham em conta as possibilidades que existem de economizar este recurso.

Todo parece indicar que a finalidade é a produçom de energia eléctrica. Assi desde a Junta já se tem reconhecido o uso hidroeléctrico do encoro, ainda que, segundo eles, para poupar-lle à Administraçom os gastos de construçom, já que os abonaria a empresa adjudicataria da barragem. Mas os intentos, já de antes, de embalsar a água do Umia para produzir energia eléctrica dam-lle força à nossa desconfiança, assi nos projectos do MOPU do ano 82 figuram dous encoros neste rio, um em Caldas e outro em Taboada e com essa finalidade (curiosamente igual número de encoros que recolhe o Plano hidrológico da Junta).

É importante portanto parar este projecto, porque em Galiza somos excedentários de energia eléctrica, polo que a sua produçom hoje nom justifica um impacto ambiental de tal magnitude. É importante pará-lo porque pode ser o primeiro dumha série de 22 encoros que o Governo Galego prevé realizar e que figuram nas directrizes do Plano Hidrológico Galiza-Costa, aos que lhe hai que sumar os que tem previsto o Ministério na bacia do Minho, que acabariam definitivamente cos nossos cursos fluviais.

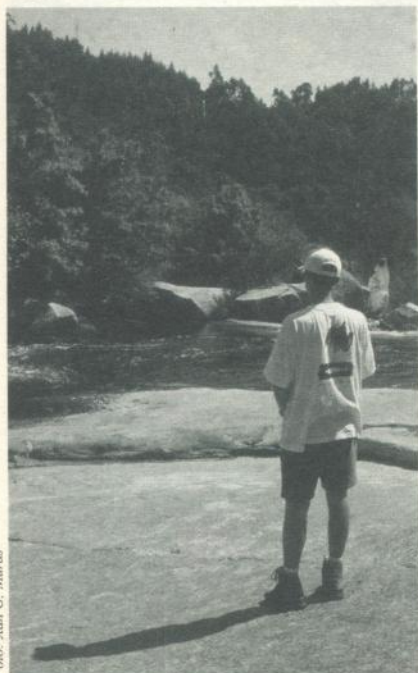


Foto: Xan G. Marcos

ADEGA CONTRA O ENCORO DO UMIA

O POSICIONAMENTO DE ADEGA EN CONTRA DESTA ENCORO XA COMENZOU NAS ALEGACIÓNS PRESENTADAS NO ANO 93 ÁS DIRECTRICES DO PLANO HIDROLÓXICO, ONDE SE OPUÑA ÁS BARRAXENS PROXECTADAS. DESDE ENTÓN ADEGA TEN-SE MANIFESTADO REITERADAMENTE EN CONTRA DO ENCORO DE CALDAS EN DIFERENTES NOTAS DE PRENSA, ASI COMO TAMÉN LLO TEM COMUNICADO ÁS COORDINADORAS ANTIENCORO.

MEMBROS DE ADEGA TEÑEN PARTICIPADO EN CHARLAS INFORMATIVAS EN CALDAS E MORAÑA, ASI COMO NUN VÍDEO ELABORADO POR ALUMNOS DA ESCOLAS DE IMAXEN E SON, E NAS MANIFESTACIÓNS CONVOCADAS POLAS COORDINADORAS.

A DELEGACIÓNS DE ADEGA EN SANTIAGO ORGANIZOU DOUS ROTEIROS POLO UMIA NOS QUE PARTICIPARON NUMEROSAS PESSOAS, E NOS QUE SE VALORARON OS EFEITOS DO ENCORO.